

OBSERVAÇÕES SOBRE A SEGUNDA REUNIÃO COM DIRIGENTES DA REDE GLOBO

No dia 12/7/94, uma equipe de assessores do PT encontrou-se com dirigentes das organizações Globo, na sede do grupo, em São Paulo, das 15h às 18h. Pelo PT, participaram Marco Aurélio Garcia, Oded Grajew, Irma Passoni, Armelindo Passoni e Daniel Herz. O mesmo grupo voltou a se reunir, no dia 11/8, das 10h às 13h, no mesmo local, desta vez com um único dirigente, Evandro Guimarães, Diretor da Central Globo de Afiliadas e Expansão, para continuidade dos debates. Os trabalhos consistiram numa exposição do dirigente da Globo, seguida de pedidos de esclarecimentos e alguns comentários dos representantes do PT. Na oportunidade, o diretor da Globo dissertou sobre a percepção da Globo sobre as perspectivas com as duas principais candidaturas, e também sobre a estruturação da Globo e a situação atual do mercado de comunicação no Brasil.

I. INTRODUÇÃO

O presente relatório baseia-se num registro "não literal" - embora procure ser o mais fiel possível - das principais assertivas do dirigente da Globo e numa livre interpretação do sentido destas assertivas, tanto no contexto do seu discurso, como no contexto da conjuntura política que atravessamos.

A produção do relatório foi propositalmente atrasada, por ter sido considerado conveniente aguardar o desfecho das negociações em torno da regulação da TV a Cabo. Esta conclusão era tida como importante como um índice da consistência e do alcance das posições da Globo. Isto só ocorreu no dia 30/8. Logo em seguida, agravaram-se as evidências da atuação partidária da Globo, o que adquiriu materialidade incontestável e impacto público com o escândalo Ricúpero/Parabólicas. Mais uma vez, consideramos adequado retardar a elaboração do relatório, tentando dotá-lo de mais sentido, já que uma das principais questões levantadas, tanto no primeiro como no segundo relatório, era o exame de hipóteses sobre a motivação e as perspectivas de ação da Globo. As hipóteses sobre a conduta concreta da Globo no processo eleitoral ficaram ociosas, pelos fatos já referidos, em virtude da explicitação da atuação partidária da Globo. A questão que permanece, portanto, é sobre o conteúdo das motivações da Globo e sobre suas relações futuras com o PT e com a sociedade, após o processo eleitoral. Esse é o principal objeto do relatório.

III. SUMÁRIO ANTECIPADO

Sintetizando uma visão de conjunto das assertivas registradas no item III deste relatório, destacamos as seguintes conclusões que o exame destas assertivas permite produzir:

A Globo pauta-se, predominantemente, por uma conduta de "partido", na legítima acepção do termo: embora esteja controlada por interesses privados, disputa pesadamente a hegemonia; dissemina valores, concepções e idéias em escala de massas; arregimenta adesões políticas e tem projeto próprio para o país. Apesar disso, a Globo não deixa de ser uma "empresa privada", susceptível e inunções e idiosincrasias peculiares. Esta mesma "persona", a Globo, portanto, apresenta traços de "partido", com nuances de uma racionalidade de "empresa". No contato com os representantes do PT prevaleceu a abordagem da racionalidade da "globo empresa", expressa por

um executivo que integra um grupo que tem atuado para valorizar esta racionalidade de "empresa". Este grupo, inclusive, segundo o próprio executivo que reuniu-se com o PT, não admite a existência da "Globo partido", embora reconheça que, anteriormente, tenha havido ação política. O tal grupo executivo, inclusive, manifestamente, acredita que as coisas estão se alterando e não considera correto que haja atuação partidária na Globo.

A Globo entende que falta conhecimento e elaboração sobre a área das comunicações no Brasil.

As distorções do mercado de comunicação (concentração regional, oligopolização, falta de critérios técnicos e econômicos para as concessões, etc.) e os generalizados problemas de projeto empresarial e de gestão fazem com que o mercado brasileiro de comunicação, o décimo primeiro do mundo, se caracterize pela inconsistência econômica das suas empresas, apesar do porte dos empreendimentos e da qualidade de muito dos seus produtos. Esta é uma percepção da Globo.

A Globo admite que a atribuída incapacidade do Estado para atuar e a estruturação da área das comunicações por fatores políticos e pela espontaneidade do mercado são fatores determinantes desta inconsistência. A Globo, por isso, reconhece a necessidade de políticas públicas para a área das comunicações. A propósito, também reconhece que o governo Collor levou ao extremo a incapacitação do Estado e a liberação da espontaneidade do mercado, com graves conseqüências.

A Globo é uma ilha de excelência em meio a um mercado com muitos problemas. Isto é resultado de uma busca pertinaz de resultados e muito investimento.

Apesar do seu poderio, a Globo afirma que não tem condições de responder pelas práticas de todas as suas afiliadas, o que lhe conferiria "fragilidade". Também seria fator de "fragilidade", na Globo, a sua dificuldade de responder por todo o conteúdo, e por todos os efeitos do conteúdo que produz. A própria Globo reconhece, assim, que pode ser mais muito cobrada pelo seu conteúdo e sua responsabilidade social.

Estamos prestes a sofrer uma pesada invasão estrangeira, na área das comunicações o que pode abalar ainda mais a integridade dos sistemas de comunicação que hoje são decisivo fator de unidade nacional. A Globo está preocupada com isso e, mais do que resistir à invasão, afirma ter vontade para enfrentar ofensivamente e, assim, está desenvolvendo melhores condições para projetar as produções brasileiras no mercado internacional.

A globo não aceita uma "sarneização" do governo FHC e acha que este, para ter sucesso, deverá mudar sua política de alianças. O PT é temido por sua falta de "jogo de cintura" para produzir governabilidade.

III. ASSERTIVAS SELECIONADAS E DESTACADAS

Da exposição e do diálogo com o diretor da Globo, selecionamos as seguintes assertivas, aqui reproduzidas, como já afirmamos, de forma não necessariamente literal, mas procurando registrar o seu conteúdo original. Salvo algumas observações destacadas em, reiteramos que o seu conteúdo é do diretor da Globo.

"GLOBO EMPRESA" X "GLOBO PARTIDO"

- * 90% do que parece maquinação, na atuação da Globo, não foi algo engendrado.
- * O Comitê dirigente da Globo é integrado por 11 executivos que não tratam de política. Política não ocupa mais do que 1% do tempo deste Comitê.
- * Na Globo, só uma pessoa decide, em forma final.
- * A Globo, de fato, inventou o Collor, começando por um Globo Repórter que lançou o "caçador de marajás". A campanha incluiu até as novelas.
- * A situação de hoje é considerada muito melhor e mais aberta do que a "de ontem".

OBSERVAÇÃO: No final da exposição do dirigente da Globo, quando todas as assertivas que aqui se seguem haviam sido expostas, os representantes do PT chegaram a caracterizar que entendiam estar diante racionalidade da "Globo empresa", reconhecendo-a como a face mais saudável do grupo. Também foi dito que não se duvidava do informe do executivo sobre a inexistência de planejamento das ações políticas no comitê executivo. Ao contrário isto só fortalecia a convicção de que o "centro de inteligência política" da Globo está em outro lugar, muito provavelmente na esfera controlada, operativamente, "pelo Boni e pelo Alberico". Não houve resposta a este comentário.

FALTA DE CONHECIMENTO E ELABORAÇÃO

- * O país é continental e sua topografia torna gigantesco e complexo qualquer sistema de comunicação de caráter nacional.
- * Precisamos ter mais gente falando sobre comunicações e telecomunicações pois a importância destes assuntos está aumentando.
- * A política de comunicação tem que contemplar as dimensões e a diversidade do país (rural, urbano, serra, litoral, etc.).
- * Há um cartel de conhecimento das radiofrequências localizado no Ministério das Comunicações, que não se abre. O Lourenço Chehab conhece tudo de radiofrequência, mas não tem sucessor. Os recursos humanos disponíveis estão muito aquém do que o Brasil necessita.
- * Faltam técnicos e especialistas para conhecer e pensar os sistemas de comunicação no país.

INCONSISTÊNCIA DO MERCADO

TELEVISÃO

- * No surgimento da Manchete e do SBT, em 1981 fez-se duas redes do que deveria ser a infraestrutura de uma única rede.

* A Manchete surgiu com a disposição de competir com a Globo, embora tenha surgido de um projeto feito pela própria Globo.

* A Manchete, se preocupou com programas e não com as afiliadas. Preocupou-se em ter e não ser. Este foi um dos seus grandes equívocos.

* A Bandeirantes, ao contrário, não se preocupa em ser líder e trabalha em cima do seu segmento.

* O segundo e o terceiro lugar de audiência, hoje, são rentáveis. É bom lembrar que 3 pontos de audiência, no horário do Jô Soares, equivale à circulação da Veja. 10 pontos é uma fábula.

* A TV gera seu próprio mercado.

* A retransmissão por satélite não pode ser confundida com difusão direta via satélite. É necessário fixar o estatuto do satélite para radiodifusão.

* As portarias que permitiram as geradoras locais criaram um sério problema. O sinal vai sendo colocado, indevidamente, em outras praças.

* Cada cidade deveria ter pelo menos duas geradoras. Para a Globo é muito desconfortável estar sozinha.

* São necessários mais canais de TV para democratizar a comunicação. Do jeito que está favorece a Globo.

JORNAIS

* Com exceção de O Globo, O Dia e Zero Hora, considerando os sete principais jornais do país, os demais estão com dificuldades ou em crise.

* Os jornais estão aumentando a tiragem com expedientes como encartes ou premiações. As vendas predatórias de assinaturas e a concessão de descontos de até 50% da tabela, no preço dos anúncios, também mostram que o mercado não está saudável.

REVISTAS

* O mercado de revistas está com sérios problemas. É o mesmo mercado de 10 anos atrás. Aliás, é 15,6% menor em dólar.

RÁDIO

* O rádio está em franco declínio.

OBSERVAÇÃO: O rádio chegou a representar 24% do investimento publicitário, entre 1950 e 55; passou para 19,5% em 65; 13,2% em 70; 8,8% em 75; 6% em 85 e apenas 4% em 93.

* Exceção é a RBS, principalmente devido à sua política de segmentação. Nos EUA, este tipo de prática é permitida por lei e já existem praças com segmentações de até 5 emissoras.

OBSERVAÇÃO: No Brasil existem severos limites ao número de emissoras de rádio e TV por empresa. Estes limites estão sendo, de um modo geral, não observados pelo mercado. A RBS é a grande precursora na inobservância deste limites, o que ocorre com a tolerância do Executivo, da Justiça e da própria sociedade. São situações como esta - na qual predomina a generalizada omissão, inclusive da sociedade - que mostram o quanto está caduca a legislação vigente da área das comunicações (em particular a Lei 4.117/62, o Código Brasileiro de Telecomunicações). Fica evidenciada a necessidade de se ter uma legislação atualizada, capaz de organizar e orientar os fatos sociais, ao invés dos sistemas de comunicação estarem se estruturando e atuando na base das situações de fato.

* O rádio está sendo invadido pelos religiosos. Calcula-se que os evangélicos já controlem mais de 400 emissoras no Brasil.

INCAPACIDADE DO ESTADO, ESPONTANEIDADE DO MERCADO E A NECESSIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS

* O desenvolvimento da radiodifusão não teve critério geo-econômico, de efetivo atendimento à população. A situação da comunicação reflete a concentração econômica. Nem no México existem distorções tão grandes na distribuição dos veículos. Mais de 50% estão na região sudeste.

* A Embratel - até agora há pouco, antes de lançar o Rádio Sat - não tinha política para se fazer radiodifusão sonora via satélite no país.

* A política de comunicação tem que contemplar as dimensões e a diversidade do país (rural, urbano, serra, litoral, etc.).

* As delegacias do Ministério das Comunicações e o próprio serviço de fiscalização foram desmontados pelo governo Collor.

* O Ministério tem conhecimento de que hoje existem no mínimo 12.500 retransmissoras de TV sem qualquer controle ou fiscalização, operando irregularmente. A Globo, neste aspecto, é a única que cumpre a legislação.

* O Collor tinha um plano para dominar a comunicação no Brasil. Mas não sabia ao certo por onde começar. Parece ter havido, inclusive, um plano por escrito. Collor tentou se associar a Roberto Marinho. Parece, entretanto, que não tinha clareza quanto às dimensões da Globo.

* Collor desmontou o sistema de fiscalização do Ministério das Comunicações para favorecer a criação de situações de fato, inclusive em benefício do seu próprio projeto.

* Sem ter receptividade em Marinho, Collor foi tentando, infrutiferamente, a Manchete (que Paulo Otávio tentou adquirir) e depois, com sucesso, José Carlos Martinez, no Paraná, e Edir Macedo.

* Aparentemente, resolver enfrentar a Globo antes de se instalar.

* A Globo busca a unidade na variedade. As culturas muito regionais tem que ser abordadas nos próprios estados.

* Estamos dispostos a reunir nossas afiliadas com vocês para discutir uma política de regionalização.

* O que produz a cultura são seus produtos.

* Estamos numa época em que temos que nos preocupar mais com o conteúdo do que com o .

* Aceitamos a necessidade de políticas públicas para a área das comunicações no Brasil.

* O projeto da TV a Cabo é bom para o Brasil, mas não para empresários megalomaníacos.

A QUALIDADE DA GLOBO

* Na Globo, todo o capital é investido para manter a liderança.

* Na Globo, a audiência e o faturamento ficam entre 71% e 72%.

* O grupo perde dinheiro para manter presença nos mercados de revista e rádio.

* A globo optou por ser mais produtora e distribuidora do que proprietária de TVs.

* A infra-estrutura da Globo chega a todos as localidades do país, dos centros urbanos aos igarapés da Amazônia.

* A Globo tomou a iniciativa de montar uma infra-estrutura própria para a retransmissão, para não ficar refém de governantes.

* A Globo tem um banco de radiofrequências inigualável. Cobre-se 750 municípios com TV via satélite, através de estações regularizadas.

* A Globo tem condições de acompanhar a operação destas retransmissões, mantendo controle para evitar situações indevidas.

* A Globo cumpre e procura garantir o cumprimento da legislação. Diversas retransmissoras e emissoras, de outras redes, estão funcionando "na amarra".

* A Globo impulsionou a organização, a montagem dos projetos e a aparelhagem das afiliadas, estabelecendo requisitos, técnicos, comerciais e de qualidade.

* A Globo tem muito mais quilovates (kw) para atender o público do que as outras emissoras. Seu sinal é sempre muito melhor que as outras.

* Entregamos produtos acima da expectativa do espectador médio.

* A produção do Incidente em Antares (Érico Veríssimo), recentemente concluída e gravada no Rio Grande do Sul, por exemplo, custou US\$ 2 milhões, com 8 capítulos e envolvendo mais de 2 mil coadjuvantes.

* As emissoras da Globo têm mais produção regional.

* Nunca tivemos mais do que 4% do nosso faturamento representado por verbas governamentais. Sabemos, entretanto, que se distribui as mesmas "fatias do bolo" para audiências muito inferiores.

* O mercado brasileiro não justifica o que a Globo tem investido.

* Por esta qualidade, a audiência da Globo não cai.

AS FRAGILIDADES DA GLOBO

* A Globo paga pelo que faz e pelo que não faz. Quando a afiliada de Sergipe, por exemplo, ganha um prêmio. É a TV Sergipe. Quando cria algum problema político, é a "Globo de Sergipe".

* Temos preocupações com a atuação política regional das nossas afiliadas. Nossos contratos exigem equanimidade em relação às forças políticas regionais. Chegamos a advertir a TV Mirante (Sarney) e a TV Bahia (Antônio Carlos Magalhães, entre outras, por problemas acontecidos.

OBSERVAÇÃO: Este foi, possivelmente, o "recado" do dirigente da Globo que traduziu mais diretamente a racionalidade da "Globo partido", na reunião. Afinal, com uma atuação mais discreta e muito mais sofisticada do que a de 1989, a Globo alinhou-se a uma candidatura e jogou a responsabilidade da atuação partidária para as afiliadas. O escândalo Ricúpero/Parabólicas desmontou a dissimulação. E, ao contrário do que alegava a Globo, mostrou que a "afinação" política da Globo com as afiliadas é muito maior do que se pensa, demonstrada pelo comportamento planejado ou "tácito" das afiliadas e pela "divisão do trabalho" nesta disputa eleitoral.

* Os profissionais que trabalham na Globo nem sempre têm a necessária preocupação com o que se coloca no ar, com os efeitos que desencadeia. Neste sentido, a responsabilidade social da Globo pode ser questionada. A rede norte-americana CBS, por exemplo, tem 22 médicos assessorando seu telejornalismo. Na Globo, só o Fantástico tem assessoria especializada para algumas matérias.

OBSERVAÇÃO: Do mesmo modo que joga para as afiliadas a responsabilidade pelos "abusos", a Globo quer dividir com os "profissionais inseqüentes" outra parcela de responsabilidade. De fato, há muitos problemas que podem ser atribuídos à inseqüência ou mesmo irresponsabilidade de determinados profissionais. Mas, no essencial, a Globo assume o controle minucioso de tudo que, efetivamente, lhe interessa.

IMINÊNCIA DA INVASÃO ESTRANGEIRA

* A penetração da produção internacional vai se agravar. Só a Televisa mexicana prepara veiculações de TV com 5 acentos em espanhol. Está instalando 12 repetidoras no México, com

apoio da presidência da República. Também está preparando canais em português que já virão dublados de lá.

* As transformações que garantirão a penetração estrangeira estarão muito mais respaldadas no uso da tecnologia do que em ações legais.

* Um país integrado pela comunicação é um país integrado. O Brasil é hoje um país unificado, principalmente - além da Globo - pelos seus Correios, pelas Telecomunicações e pelas Forças Armadas. Somos produto das Forças Armadas.

* O mercado brasileiro não justifica o que a Globo tem investido.

* A Globo está se preparando para atuar mais fortemente no mercado externo.

* Na cidade cenográfica, o PROJAC, com 2 milhões de m², estão sendo investidos US\$ 70 milhões. É investimento de quem quer participar do mercado mundial.

* Hoje, com a infra-estrutura atual, não há como dublar e refazer os produtos com os formatos exigidos pelos vários mercados. Por exemplo, prevê-se 10 mil exibições da novela Escrava Isaura, só na China, que já tem 5 mil sistemas de TV a Cabo instalados. Isto significa a necessidade de redimensionar a novela para formatos como 30 capítulos de 3 horas, ou 120 capítulos de 40 minutos.

OBSERVAÇÃO: Sobre este assunto o programa do Fórum apresenta, como um dos seus objetivos estratégicos, a preparação do País "para ser um grande exportador de produção audiovisual e de multimídia, realizando uma vocação já demonstrada no mercado de televisão pela alta qualidade e competitividade dos seus produtos, perseguindo objetivos econômicos, de projeção de potência e de posicionamento geo-estratégico no Sistema Internacional".

No mesmo programa, é especificada a necessidade "de um Plano Nacional de Diretrizes e Metas para o Desenvolvimento da Área das Comunicações, sistematizando e especificando os objetivos programáticos e definindo e quantificando metas a serem atingidas. Este Plano norteará os estímulos que serão dados ao desenvolvimento do mercado nacional e à abordagem do mercado internacional, sendo orientado por objetivos culturais, políticos, econômicos e geo-estratégicos. No que se refere ao mercado internacional, será dada ênfase à penetração nos mercados de língua portuguesa e nos países da África. Serão também previstas linhas de ação específicas em relação à América Latina, bem como voltadas para o mercado dos países centrais. Além dos objetivos econômicos, a busca de mercados internacionais se voltará para a projeção de uma imagem real do Brasil e para a desconstrução de estereótipos e preconceitos que geram hostilidade contra o país. Será buscada uma projeção da cultura do país junto à cultura universal, também visando a pavimentação de relações econômicas e diplomáticas."

Não temos nenhum motivo para ter complexo de inferioridade em relação à produção de vídeo do chamado Primeiro Mundo. A expressão da Globo no mercado internacional e a qualidade técnica das suas produções, mundialmente reconhecida, pode tornar a Globo, neste particular, uma peça importante de um projeto de desenvolvimento para o país. Precisamos não apenas resistir à invasão da produção estrangeira mas, ao contrário, projetar potência neste segmento. Uma Globo

sujeita a novas e democráticas relações com o Estado e a sociedade poderia constituir um extraordinário trunfo para o país.

OBSERVAÇÕES SOBRE AS CANDIDATURAS

* O FHC deve refazer sua política de alianças, caso contrário se tornará refém do fisiologismo, em especial do PFL. Seria pernicioso, para o país, a "sarneização" do governo FHC. Não agüentamos mais um Sarney ou um Collor, com corrupção e fisiologismo.

* O PT desperta preocupações pelas dificuldades de governabilidade que deverá enfrentar, por não ter "jogo de cintura" para produzir esta governabilidade.

* Num debate entre Delfim e Mercadante, diante da direção da Globo, preferimos, de longe, o Mercadante.

* Percebemos que hoje, em todos os setores, já há disposição para se mudar à Constituição.

IV. NEGOCIAÇÃO DA TV A CABO

Em maio de 1994, depois de precisamente 20 anos de disputa, dois anos de interlocução intermitente, e seis meses de negociação, três dos quatro membros da comissão de negociação designada pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, fecharam um acordo com o empresariado de comunicação. O quarto membro, da Federação Interestadual dos Trabalhadores em Telecomunicações, começou a questionar pesadamente o acordo. Estabeleceu-se uma dura polêmica. Na V Plenária do Fórum, realizada de 29 a 31/7 em Salvador, legitima-se o encaminhamento dado até então mas, reconhecendo-se as divergências internas, a decisão final foi a de propor, ao empresariado de comunicação, uma recomposição do acordo.

Os setores do Fórum que defendiam o acordo fechado em maio, acreditavam que as divergências eram mais ideológicas do que políticas, e mais de forma do que de substância. Resolveram, por isso, fazer um movimento para recoesionar o Fórum, bancando esta proposta de recomposição do acordo. Acreditavam que esta recomposição poderia ser feita sem o rompimento dos aspectos essenciais do acordo fechado em maio.

No lado do empresariado, este movimento foi visto com muita reserva pelos setores mais "liberais", até então os mais "favoráveis ao diálogo e à negociação". Estes sentiram-se, até certo ponto, traídos porque o acordo, pelo menos formalmente, foi unilateralmente rompido. Fomos então surpreendidos pelas posições da "linha dura" da Globo (Luiz Eduardo Borghert, diretor da Globo e vice-presidente da ABERT) que, até então, tinha severas críticas à linha da negociação. Este, juntamente com Fernando Ernesto Corrêa (diretor da RBS e também vice-presidente da ABERT), tidos como os dois maiores "falcões" da ABERT, bancaram decididamente a manutenção das negociações e o apoiaram a política de ampliação das bases de consenso. As negociações culminaram no dia 30 de agosto, obtendo-se a mais ampla base de consenso já alcançada sobre um assunto da área da comunicação

O acordo sobre a regulamentação da TV a Cabo foi assinado pelas seguintes entidades: Associação Brasileira de TV por Assinatura - ABTA; Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão - ABERT; Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação; Federação Nacional dos Jornalistas - FENAJ; Federação Interestadual dos Trabalhadores em Comunicação - FITTEL; Federação Interestadual dos Trabalhadores em Radiodifusão e Televisão - FITTERT; Associação Nacional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos - ANEATE; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica do RJ - STIC; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica de SP - SINDICINE; Associação Brasileira de Vídeo Popular - ABVP.

Os líderes dos partidos, na Câmara, obviamente, acolheram com facilidade um acordo firmado em bases de consenso jamais alcançada e a matéria só não foi votada porque a sessão do dia 31/8 caiu. A votação está prevista para o esforço concentrado marcado para o fim da primeira quinzena de outubro.

Cabe ressaltar que, de fato, os empresários, e também a Globo, precisam da lei. Aceitaram cooperar, mostraram disposição para fazer concessões e acolheram os termos de um regulamentação que, conforme prevemos, revolucionará a comunicação no Brasil. Os empresários concluíram que sem uma base de consenso, como a que foi alcançada, nunca se conseguiria resolver a questão, tão bem e tão rapidamente. Alguns dos negociadores dos empresários, inclusive, reconheceram que nós tínhamos razão quando afirmávamos que se o Conselho de Comunicação Social estivesse ativo, a polêmica em torno da TV a Cabo seria resolvida ainda mais rapidamente e com mais facilidade.

O empresariado de comunicação, que estava implantando a TV a Cabo na base da imposição da situação "de fato", foi atraído para a negociação pela nossa capacidade de embargar estas situações, de criar problemas e tornar inseguros os investimentos, através de ações na Procuradoria da República, na Justiça e no Congresso. O processo de negociação, entretanto, inaugurou relações de um novo tipo, no qual os elementos de pressão foram secundarizados por um esforço, genuíno e mútuo, de compreensão dos diversos interesses das partes envolvidas. A negociação possibilitou, tal como prevê o projeto estratégico do Fórum, a contenção dos elementos de irracionalidade contidos no sistema. Foi constituída uma realidade nova, que não estava contida nem como potência na situação dada. Gerou-se um legítimo produto da consciência e da elaboração política.

Até de um ponto de vista meramente operativo, os representantes dos empresários mostraram compreender o valor da negociação da TV a cabo. Um dos negociadores chegou a fazer um paralelo da negociação da TV a Cabo com a ação do lobby do Instituto Brasileiro para o Desenvolvimento das Telecomunicações (IBDT), criado para defender a quebra do monopólio estatal. Guardadas as proporções e a especificidade dos assuntos, o IBDT fez "investimentos" que chegaram à casa dos milhões de dólares e, não só não conseguiu nada, como acirrou o conflito, unificou a esquerda e os setores chauvinistas, servindo inclusive, como uma das principais justificativas para implodir a Revisão Constitucional. "No Cabo", lembra este negociador do empresariado, "gastamos apenas tempo e despesas com deslocamentos e conseguimos resolver uma questão muito complexa". Na verdade, os negociadores do empresariado, mais do que isto, atuaram orientados por uma doutrina diferente, admitiram dialogar com clareza, aceitaram fazer concessões, se dispuseram a cooperar e mostraram disposição e habilidade para efetivamente negociar - e não apenas impor um projeto, como foi o caso do IBDT. O resultado é que foi alcançado um consenso

que conseguiu reunir, na lista de apoiadores do acordo, entidades politicamente tão díspares como a ABERT e a FITTEL.

Destacamos, deste modo, que a experiência do cabo foi o teste de um modelo. Um dirigente da ABERT chegou a dizer que percebia que a base conceitual por nós introduzida na regulamentação da TV a Cabo constituía um precedente para uma revisão da regulamentação da radiodifusão como um todo. Obviamente, percebeu certo. Mas já percebeu isso sem os temores ou preconceitos que, antes da negociação da TV a Cabo, talvez impedissem até mesmo uma interlocução. Ou seja, foi um processo complexo e difícil, mas o substrato de novas relações foi criado. A Globo, em determinados momentos, mostrou contradições internas na assimilação deste processo mas, especialmente na sua fase final, teve decisiva participação para bancá-lo. E isto é um fato, não uma especulação.

V. CONCLUSÕES

Estamos num contexto complexo, marcado por elementos contraditórios e aparentemente paradoxais. A mesma Globo que se joga de cabeça na eleição do Fernando Henrique, abre linhas e interlocução com a direção do PT - o principal prejudicado pela atuação da Globo - e estabelece bases de cooperação com setores da sociedade civil, com orientação de esquerda. Não se trata de identificar a existência de uma Globo verdadeira e uma falsa ou dois projetos distintos dentro da Globo. Os movimentos da Globo, de fato, são e deverão continuar sendo ambíguos e contraditórios.

Nos dois primeiros relatórios ressaltamos a hipótese de que o conteúdo dos movimentos da Globo depende, em boa parte, da nossa conduta. Isto é, não vamos, nunca, simplesmente sair de "braços dados" com a Globo mas, tampouco se trata de um antagonista intratável. O conflito não será eliminado mas, como prevê o programa do Fórum, trata-se de encontrar fórmulas, de sentido humanizador, que permitam a elaboração do conflito.

Atualizamos, deste modo, os cenários plausíveis, anteriormente levantados:

1. Pura Dissimulação - A Globo estabeleceu uma interlocução com o PT, inicialmente admitindo a "inevitável" vitória de Lula, apenas para dissimular suas reais intenções, constituindo uma manobra sórdida na qual evocou a vaidade dos dirigentes "por estarem sendo procurados" e fazendo um jogo de contra-informação sobre as reais possibilidades do PT; isto é, enquanto, para alguns de nós, parecíamos estar acalmando-os, na verdade, eles é que nos acalmavam, alimentando o engodo.
2. Efetiva Disposição para Cooperar - Percebendo a inevitável vitória de Lula a Globo procurou o PT imbuída de uma efetiva e ampla disposição para cooperar e antecipar relações que seriam empreendidas com Lula na Presidência.
3. Cenário Híbrido - O segundo cenário já foi desmontado pela realidade. A Globo estabeleceu interlocução com o PT no meio de uma manobra de apoio à candidatura de FHC. Isto não significa que, em paralelo, a Globo não estivesse demonstrando disposição para cooperar, como ocorreu no caso da TV a Cabo. O primeiro cenário, portanto, também fica abalado. Não houve, apenas, uma simples manobra de dissimulação. A Globo desenvolve um movimento que tem elementos contraditórios, ambíguos e, até certo ponto, inconclusos e indeterminados. Dispõe-se a jogar, sem deixar de afirmar seus interesses estratégicos mas, também, aceitando "considerar" os nossos.

Numa questão tópica, como a da TV a Cabo, se dispôs, inclusive, a "assimilar" os nossos interesses estratégicos e, assim, cooperar. Cremos que continuam válidos os termos da conclusão do relatório anterior: a Globo quer estabelecer uma relação com o PT em "faixa própria", pelo que o partido significa como agente de hegemonia, como um "partido político" à altura da missão que pretende desempenhar no Brasil.

Acreditamos que o cenário válido, portanto, é o "híbrido". Não podemos superestimar as possibilidades de cooperação e nem baixar a guarda diante da Globo, o que seria ingênuo e inconseqüente, assim como não podemos superestimar os nuances da racionalidade da "Globo empresa", tal como já foi evidenciado.

A disposição da Globo para a interlocução com o PT não foi apenas um jogo de contra-informação, um mero engodo, apesar de estarmos, de fato, comprovadamente, no meio de uma ampla e pesada manobra para derrotar eleitoralmente o PT.

Esta dualidade, no interior da Globo, além disso, não representa a existência de algo semelhante a dois partidos em choque, com a perspectiva de um triunfar. A Globo é uma só "persona". O que existe são elementos de racionalidade, com potência, que podem ser ou não predominantes. Caso fossem dois partidos, nossa política poderia ser mais simples. Bastaria atuar para o acirramento das contradições internas, procurando ajudar o "partido mais saudável" a vencer.

A situação, entretanto, é muito mais complexa e nos exige mais acuidade, argúcia e responsabilidade. Devemos perceber e atuar sobre nuances, buscando não só uma predisposição do adversário para o empreendimento de um "jogo com soma acima de zero", mas também favorecendo a que a própria Globo descortine caminhos e possibilidades novas, como aconteceu no caso da TV a Cabo.

Precisamos continuar enfrentando a Globo, com a contundência necessária e correspondente às suas práticas insuportáveis, sem qualquer vacilação ou complacência. Mas também precisamos demonstrar, tanto para a Globo, como para o "nosso campo" (o que não é menos difícil ou complexo), que um "consenso efetivamente partilhado" é muito mais importante do que um "consenso autoritário", que é mais frágil e inconsistente.

Deste modo, o grau de artificialidade das nossas elaborações será muito maior. Temos de fazer um esforço para ampliar o trânsito da política - o trânsito das essências humanas, como nos lembrava Adelmo Genro Filho - mesmo no contexto de movimentos embuídos de sentido manipulatórios. E tentar avançar sobre posições cristalizadas, tanto a partir de uma compreensão abstrata, como de idiosincrasias e eventuais disposições pessoais, no rumo de arranjos mais ou menos permanentes, que permitam a melhor elaboração possível dos conflitos. Neste sentido, uma transparência maior em relação às estratégias, a começar pelas nossas, só favorece o sucesso da empreitada. Sabemos que nunca chegaremos a um único denominador comum, mas também sabemos que podem existir consensos importantes.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo um exercício de interpretação, cremos ser possível depreender os seguintes "recados" da Globo, emitidos ao longo deste processo, que talvez possam revelar a compreensão e as perspectivas de relacionamento com o partido:

1. O PT ainda não está maduro para governar.
2. Queremos tratar o PT como interlocutor válido e imprescindível.
3. Compartilhamos pontos em comum com o PT, aceitamos sua disposição para reorganizar a área da comunicação, identificamos benefícios nossos (da Globo) com isso e, pontualmente, estamos dispostos a buscar acordos.
4. Nas duas reuniões de interlocução com o PT estamos dispostos a revelar a racionalidade da "Globo empresa". A "Globo partido" não está na mesa. Só uma pessoa pode falar em nome da "Globo partido". [Observação: é a "Globo partido", entretanto, que banca ou não a racionalidade da "Globo empresa". A disposição para o diálogo, portanto, existe, mas ainda é limitada.]
5. O PT não deve hostilizar ou rejeitar "in limine" a aproximação que FHC deverá buscar, provavelmente visando a recomposição da sua política de alianças, sob pena desta atitude contribuir para a "sarneização" do seu governo.

Estando correta, ou não, a percepção acima descrita, cremos, finalmente, que continua válida a reivindicação feita na conclusão do segundo relatório: é imprescindível "transformar esta ação numa tarefa partidária permanente, nem que seja para assegurar o acompanhamento do acúmulo que está se produzindo no movimento da sociedade civil".

O item 5 dos "recados" da Globo sugere uma hipótese relevante para se pensar o futuro do PT após o resultado das eleições presidenciais, seja Lula vencedor ou derrotado. O "recado" da Globo pode ser uma manobra diversionista. Mas foi emitido no momento em que a Globo fazia um movimento para apoiar a vitória de FHC. O que a Globo pode estar querendo dizer é que "embora estejam atuando para eleger um agente confiável, a alternativa que consideramos mais adequada para obter governabilidade e considerar nossos interesses, isto não significa que nosso apoio é incondicional; por exemplo, não aceitamos sarneização ou FHC refém do PFL; mesmo atuando para eleger FHC estamos visualizando um papel importante para o PT neste processo".

Para que não parem dúvidas, ressaltamos que esta leitura ampliada do "recado" da Globo é uma hipótese e não o registro de uma posição efetivamente assumida. Estando correta esta hipótese, o PT pode estar recebendo da Globo um aval para exercitar a representação de uma expressiva parcela da sociedade que o PT realmente representa.

Fizemos questão de fechar este relatório antes do resultado das eleições para consolidar os elementos de análise que independem dos seus resultados (vitória do FHC no primeiro turno, vitória de Lula ou FH no segundo turno). Depois da confirmação do resultado, com certeza teremos novos elementos a considerar - inclusive a identificação do papel que a Globo se disporá a assumir no processo de apuração e da totalização dos votos e no eventual segundo turno. A Globo pode, inclusive, protagonizar episódios tão graves que tornem necessária ou inevitável outra estratégia.

Sobre este aspecto, deixamos aqui consignada, formalmente, uma proposta. Propomos que, imediatamente após a confirmação do resultado das eleições - independente do vencedor - a direção do PT deve solicitar uma nova reunião com a direção da Globo, com a finalidade de avaliar o processo eleitoral. Temos que pedir explicações sobre o ocorrido, quando nos foi formalmente prometido que a Globo não repetiria as práticas de 89. Não somos simplistas para achar que a Globo é uma erva daninha que deve ser arrancada. Mas, para nós, está cada vez mais difícil, em nome da civilidade, assumir junto às nossas direções e às nossas bases, a estratégia aqui defendida. Isto é difícil, principalmente para nós que estamos trabalhando no conteúdo esta estratégia, publicamente, muito mais com atos do que com discursos. afinal, a idéia da necessidade da destruição da Globo está tomando vulto com a percepção de suas práticas que, de resto, são mesmo insuportáveis. Precisamos ter uma conversa franca, ainda que reservada, para saber que tipo de relações a Globo está disposta a assumir conosco e com a sociedade, delimitando possibilidades e eventuais limites. Sem um posicionamento claro da Globo, talvez a linha de um confronto ilimitado com a sociedade acabe se impondo independente da nossa vontade. Neste momento, sem dúvida, isto depende muito mais da Globo do que de nós. A nossa parte está sendo feita. Insisto que esta solicitação seja feita à Globo imediatamente após a confirmação do resultado, pois os desdobramentos deste resultado deverão ser intensos e relativamente rápidos.

Cabe ressaltar, finalmente que, especialmente os dirigentes que não podem se deixar abalar pelas paixões de uma campanha eleitoral ou seus resultados imediatos. Estes devem perceber a importância crucial da comunicação na contemporaneidade - e suas determinações na constituição do perfil da cidadania e da própria democracia - tornam este uma tema crítico, para o qual não existem respostas fáceis. Caso desejemos atuar como um partido digno do nome, deveremos nos preparar, não apenas para a grandiosidade dos embates necessários mas, sobretudo, para sua complexidade.

Abraços,

/d.

28/9/94